

Uma consciência em paz com Deus

Parece que todo homem reconhece: não há preço para a capacidade de deitar a cabeça no travesseiro e realmente dormir, com a consciência em paz.

Mas em paz diante de quem?

Em paz segundo qual padrão — os seus próprios? A comparação com a maldade alheia, que sempre parece maior que a nossa? O que é, afinal, uma consciência em paz?

E, se somos honestos, está mesmo em paz a nossa consciência — ou apenas aprendemos a não escutá-la?

Todo pai conhece bem essa pergunta, ainda que raramente a formule assim.

Você sabe do que eu falo.

É perceber, de repente, o celular na sua mão e o filho na tela dele, os dois calados na mesma mesa, no mesmo sofá ou no mesmo ambiente — e sentir, por um instante, que algo ali se perdeu.

É perceber que poderia conversar mais, expressar-se melhor, mas não consegue de jeito nenhum, porque teme ser vulnerável — o orgulho não deixa.

É o Facebook ou o Instagram, à noite, mostrando outros pais que parecem mais presentes, mais pacientes, mais tudo.

É delegar para a escola, para a tela, até para a igreja, aquilo que era seu trabalho ensinar.

É gritar por uma bobagem e ver, por um segundo, o pavor nos olhos de quem você mais ama.

É jurar que nunca seria como seu pai foi — e se pegar, um dia, igualzinho a ele em seus pecados.

Esse peso tem nome, ainda que a gente raramente o diga em voz alta: é a consciência, acusando.

Essa mesma pergunta, no fundo, atravessa toda a história da humanidade diante de Deus: **como alguém com a consciência pesada se aproxima de quem é absolutamente santo?**

O povo de Israel vivia sob esse mesmo peso. Eles tinham um sistema inteiro dedicado a essa questão: um tabernáculo, sacerdotes, sacrifícios e um ritual que se repetia ano após ano.

E, como veremos, esse sistema — por mais que fosse dado por Deus, por mais glorioso que fosse em seus símbolos — jamais fora projetado para fazer a única coisa que realmente importava: dar descanso à consciência.

Hebreus 9 responde a essa necessidade com uma clareza que nenhum esforço humano, nenhuma tentativa de compensação, nenhuma boa intenção jamais alcançou.

E é essa resposta que quero trazer para vocês hoje — porque todos nós, em algum momento, carregamos esse mesmo peso, e não sabemos o que fazer com ele.

Vamos ler, então, Hebreus 9.1-14.

Hebreus 9.1-14 (NAA)

¹Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de culto divino e o seu santuário terrestre. ²Porque foi edificado um tabernáculo,

cujas partes da frente, onde estavam o candelabro, a mesa e os pães da proposição, se chama o Santo Lugar. ³Por trás do segundo véu se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos, ⁴ao qual pertencia um altar de ouro para o incenso e a arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, o bordão de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança. ⁵Sobre a arca estavam os querubins de glória, que, com a sua sombra, cobriam o propiciatório. Mas dessas coisas não falaremos, agora, com mais detalhes.

⁶Ora, depois que foram feitos todos esses preparativos, os sacerdotes entram continuamente no primeiro tabernáculo para realizar os serviços sagrados. ⁷Mas, no segundo, o sumo sacerdote entra sozinho uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo. ⁸Com isto o Espírito Santo quer dar a entender que o caminho do Santuário ainda não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido. ⁹Isso é uma parábola para a época presente, na qual se oferecem dons e sacrifícios, embora estes, **no que diz respeito à consciência**, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto, ¹⁰pois não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, bebidas e diversas cerimônias de purificação, impostas até o tempo oportuno de reforma.

¹¹Quando, porém, Cristo veio como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos humanas, quer dizer, não desta criação, ¹²e não pelo sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, ele entrou no Santuário, uma vez por todas, e obteve uma eterna redenção. ¹³Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam quanto à purificação da carne, ¹⁴muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo ofereceu sem mácula a Deus, **purificará a nossa consciência** de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!

Estamos na segunda parte da carta aos Hebreus (8.1–10.18). Aqui, o objetivo do autor é demonstrar que a obra de Cristo é superior — e que, por isso, só a ele devemos nossa obediência, se quisermos desfrutar de tudo o que Deus quer nos dar: a comunhão restaurada com ele. Perdão real. Acesso direto. Uma consciência que já não precisa se esconder.

Já vimos que Cristo é superior porque é ministro de um *santuário* melhor (8.1-5), e *mediador* de uma *aliança* melhor (8.6-13).

Agora, em Hebreus 9, o autor avança para mostrar que Cristo é superior porque é *sacerdote* de um sistema sacrificial melhor (9.1-12) — e, mais adiante em nosso texto, porque ele mesmo é o provedor e a provisão de um *sacrifício* melhor (9.13–10.18).

Em outras palavras: tudo o que vimos até aqui — o sacerdócio, o santuário, a aliança — converge agora para uma pergunta bem prática: **o que, de fato, esse sacrifício realiza na vida de quem se aproxima de Deus?** É essa pergunta que o capítulo 9 responde.

E ele responde em duas etapas.

Primeiro, *descrevendo o sistema antigo* — o tabernáculo, seus objetos, seus rituais — e mostrando que, por mais que fosse dado por Deus, ele jamais foi projetado para aperfeiçoar a consciência do adorador (9.1-10).

Depois, *contrastando isso com a obra de Cristo*, que entrou uma vez por todas no santuário celestial e, pelo seu próprio sangue, purificou a consciência de todos os que a ele se achegam (9.11-14).

1. Um sistema que aponta, mas não alcança (9.1-10)

Vamos ler juntos o **versículo 1**: “Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de culto divino e o seu santuário terrestre.”

Note bem: o autor não diz que a antiga aliança era falsa, nem inútil. Deus mesmo a instituiu. Era um sistema real, com preceitos reais, dado por um Deus de verdade.

Mas repare no adjetivo que ele escolhe: “terrestre”. Já ali, na primeira frase, ele planta uma pista. Esse santuário era feito de chão, de mãos humanas, com prazo de validade.

Os **versículos 2 a 5** descrevem esse santuário: o Santo Lugar, com o candelabro, a mesa e os pães da proposição (v. 2); e, por trás do véu, o Santo dos Santos, com a arca da aliança, coberta de

ouro, guardando o maná, o bordão de Arão e as tábuas da aliança (vv. 3-4). O autor até se detém nesses detalhes — mas logo interrompe a si mesmo: “dessas coisas não falaremos, agora, com mais detalhes” (v. 5).

Ele não quer que a gente se perca na mobília, tentando achar significado em cada detalhe. Quer que a gente veja a estrutura toda apontando para uma única realidade: **separação**.

Repare em quem tinha acesso a cada espaço.

O adorador comum — você, eu — nunca entrava naquele tabernáculo. Ele ficava do lado de fora, trazendo seu sacrifício até a *porta*, onde o sacerdote o recebia (cf. Lv 1.3-5).

No *Santo Lugar*, só **os sacerdotes** entravam — e mesmo eles, só para cumprir os serviços do dia a dia. Vejam o **versículo 6**: “os sacerdotes entram continuamente no primeiro tabernáculo para realizar os serviços sagrados.”

E no *Santo dos Santos*, o lugar mais próximo da presença de Deus, entrava um único homem: **o sumo sacerdote**. Só uma vez por ano. Vejam o **versículo 7**: “no segundo, o sumo sacerdote entra sozinho uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo.”

Reparem nas restrições, uma empilhada sobre a outra: sozinho. Uma vez por ano. Não sem sangue. E mesmo esse único homem, nesse único dia, tinha que primeiro oferecer sacrifício por si mesmo, antes de poder oferecer pelo povo.

Se você fosse um israelita comum, ouvindo isso — o que sentiria? Você nunca entrava. Você nunca via. Você dependia inteiramente de outro homem, ele mesmo pecador, para se aproximar de Deus em seu nome, uma vez por ano, com sangue de animal.

Agora vem a interpretação. O próprio Espírito Santo explica o que esse arranjo significava. Vejam o **versículo 8**: “Com isto o Espí-

rito Santo quer dar a entender que o caminho do Santuário ainda não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido.”

Repare bem na palavra: não diz que o caminho estava trancado. Diz que **ainda não tinha se manifestado** — ainda não tinha aparecido. Era como se aquele caminho existisse no plano de Deus, mas ainda não tivesse vindo à luz.

E essa é a primeira falha do sistema: **falta de acesso**.

O **versículo 9** aprofunda: “Isso é uma parábola para a época presente, na qual se oferecem dons [ofertas, oferendas] e sacrifícios, embora estes, no que diz respeito à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto.”

Aqui está a palavra que nos interessa hoje: **consciência**.

Não é simplesmente saber distinguir certo de errado. Em Hebreus, **consciência é o seu eu inteiro, diante de Deus** — aquela parte sua que sabe, sem que ninguém precise te lembrar, que algo está errado entre você e Deus (e entre você e seu próximo).

E o texto é categórico: os sacrifícios eram ineficazes para aperfeiçoar essa consciência. Não era que tais sacrifícios funcionavam parcialmente. Não era que eles funcionavam por um tempo. Eram, de fato, totalmente ineficazes para aperfeiçoar a consciência.

O **versículo 10** explica por quê: aquilo tudo eram meras “ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, bebidas e diversas cerimônias de purificação, impostas até o tempo oportuno de reforma.”

“Até o tempo oportuno de reforma.” O próprio sistema já vinha com prazo de validade embutido. Nunca foi desenhado para ser a solução final. Era um sinal, apontando para algo — ou Alguém — que ainda estava por vir: Jesus Cristo.

Pense de novo naquele israelita fiel.

Ano após ano, trazendo seu cordeiro, vendo o sumo sacerdote entrar e sair. Ele tinha um sistema. Tinha ritual. Tinha até alívio momentâneo. Mas, se fosse honesto consigo mesmo, sabia que nada tinha mudado de verdade. No ano seguinte, estaria ali de novo, com outro cordeiro, precisando de novo do ministério dos sacerdotes.

Esse é o retrato que Hebreus 9.1-10 pinta: um sistema real, dado por Deus, cheio de significado — mas incapaz de dar aquilo que a alma humana mais precisa. Uma consciência em paz com Deus; uma consciência limpa do pecado (cf. Hb 10.1-4).

2. Um sacerdote que entra uma vez e resolve para sempre (9.11-12)

Vejam o progresso do argumento. O **versículo 11** começa assim: “Quando, porém, Cristo veio...”

Depois de dez versículos descrevendo um sistema de barreiras — véus, restrições, um caminho ainda não revelado — o autor finalmente chega ao ponto para onde tudo apontava.

Leiam comigo o **versículo 11** completo: “Quando, porém, Cristo veio como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos humanas, quer dizer, não desta criação...”

Repare no contraste. O antigo tabernáculo era terrestre, feito por mãos humanas (v. 1; cf. v. 11). Este é diferente em toda a sua natureza — “não feito por mãos humanas”, “não desta criação”. Cristo não entra num santuário construído por homens. Ele entra no próprio céu, na presença real de Deus.

E o **versículo 12** detalha como: “e não pelo sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, ele entrou no Santuário, uma vez por todas, e obteve uma eterna redenção.”

Compare isso com tudo o que vimos no primeiro ponto.

- O sumo sacerdote entrava com sangue de animal (v. 7) — Cristo entra com o próprio sangue (v. 12).
- O sumo sacerdote entrava todo ano (v. 7) — Cristo entra uma vez por todas (v. 12).
- O sumo sacerdote precisava primeiro oferecer sacrifício por si mesmo (v. 7) — Cristo, sem mácula, não precisava de nada disso (v. 14, que veremos a seguir).
- O sumo sacerdote alcançava, na melhor das hipóteses, um alívio temporário, renovado ano após ano (vv. 7, 9-10) — Cristo obteve uma redenção eterna (v. 12).

Pare um instante nessa expressão: **“uma vez por todas”**. Em grego, é uma única palavra — e ela aparece repetidas vezes em Hebreus, sempre no mesmo sentido: definitivo, sem necessidade de repetição, encerrado.

Lembra do israelita fiel, que voltava todo ano com outro cordeiro, sabendo, no fundo, que nada tinha mudado de verdade? Aquele sacrifício se repetia porque, de fato, era insuficiente — precisava ser refeito porque nunca resolvia de verdade.

Cristo entra uma vez, e não precisa voltar — porque o seu sacrifício foi absolutamente suficiente. Não há nada a repetir, porque não há nada a acrescentar.

Isso muda tudo sobre a pergunta que fizemos lá no início do sermão: **como alguém com a consciência pesada se aproxima de um Deus santo?**

A resposta não é “com mais esforço”. Não é “com um sacrifício maior da nossa parte”. A resposta é: alguém já entrou, uma vez por todas, definitivamente, em nosso lugar — e obteve aquilo que nenhum esforço humano, repetido por mil anos, jamais conseguiria obter.

Mas fica uma pergunta em aberto. Redenção eterna é uma coisa gloriosa — mas o que isso tem a ver com aquele peso específico que sentimos, aquela consciência que acusa? É exatamente isso que os versículos 13 e 14 vão responder.

3. Uma consciência que finalmente pode servir, livre (9.13-14)

Chegamos ao coração do nosso texto. Vejam o **versículo 13**: “Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam quanto à purificação da carne...”

O autor está dizendo: sim, aquele sistema antigo funcionava — dentro dos seus limites. O sangue de animal, a cinza da novilha, aspergidos sobre quem estava contaminado, de fato santificavam. Mas repare bem no alcance: “quanto à purificação da carne”. Só isso. Uma limpeza externa, cerimonial, da pele para fora.

E agora vem o “muito mais” — o argumento que percorre o **versículo 14** inteiro: “muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!”

Vamos devagar aqui, porque cada palavra pesa.

“**Pelo Espírito eterno.**” Repare: essa morte não representava apenas o fim de um homem. Era o Filho se oferecendo, capacitado e sustentado pelo Espírito Santo, numa oferta dirigida ao Pai, que a recebe. Só o Filho morre — mas as três pessoas da Trindade agem, cada uma no seu papel, nesse único ato. Não é um sacrifício qualquer. É o próprio Deus resolvendo, em seu ser trino, o problema da distância entre Deus e o pecador.

“**A si mesmo ofereceu, sem mácula.**” O animal precisava ser fisicamente sem defeito. Cristo se ofereceu sem mácula não só no

corpo, mas na alma inteira — sem um único pecado, sem uma única sombra de culpa própria. Por isso ele não precisou, como o sumo sacerdote, oferecer primeiro por si mesmo (v. 7). Ele não tinha nada a purificar em si.

E chegamos à expressão que é tão cara a nós todos: “**purificará a nossa consciência**”. Não diz: “calará”. Não diz: “aliviará por um tempo”. Diz: “purificará”.

Repare na diferença. *Calar* a consciência é conseguir, de algum jeito, não escutar mais a acusação do pecado — como quem abafa um alarme sem apagar o incêndio. *Aliviar* por um tempo é sentir-se melhor por algumas horas, até que o peso do pecado volte, como voltava para o israelita no ano seguinte.

Mas *purificar* é outra coisa. Purificar é remover de fato aquilo que sujava. Não é uma sensação nova sobre um problema que continua o mesmo. É o problema sendo, de fato, resolvido.

Isso significa que a paz que Cristo dá não depende de você conseguir se convencer de que está tudo bem. Não é uma técnica para “aquietar a mente” ou parar de pensar no que fez. É uma mudança real na sua condição diante de Deus — você deixa de estar, de fato, culpado, porque a culpa pelo pecado foi, de fato, removida, pelo sangue de Cristo.

A mesma consciência que vimos no **versículo 9** — aquela que os sacrifícios antigos eram incapazes de aperfeiçoar — agora é purificada de verdade, por dentro, onde a culpa realmente mora.

“**De obras mortas.**” O que são obras mortas? São, antes de tudo, os próprios pecados — atos que, pela lei de Deus, mereciam a morte (cf. Hb 6.1). Mas a expressão alcança também algo mais sutil: nossos esforços religiosos sem vida — a oração que se faz sem fé, o culto que se presta sem coração, a tentativa de compensar a culpa trabalhando mais, servindo mais, prometendo mais.

Tudo isso, à sua maneira, é obra morta: não nasce de vida nova, e, por isso, não consegue produzir vida nova.

E note o contraste final do **versículo 14**: obras mortas — Deus vivo. Não é só limpeza por limpeza. O alvo é: “para servirmos ao Deus vivo”.

Aqui está algo bonito que passa despercebido: esse mesmo verbo, “**servir**” (v. 14), vem da raiz da palavra usada lá no início do capítulo para descrever o “**culto divino**” (v. 1) prestado pelos sacerdotes, bem como os seus “**serviços sagrados**” realizados no tabernáculo (v. 6). Ou seja — o que antes era privilégio exclusivo de poucos homens escolhidos, vestidos e autorizados, agora se torna possível para qualquer um cuja consciência foi purificada por Cristo. Você. Eu. Servindo a Deus como sacerdotes, de consciência limpa, sem precisar de véu, sem precisar de intermediário humano.

Pois bem...

Volte comigo àquele peso do início do sermão. Aquele mal-estar que a gente sente e não sabe nomear — o celular à mesa, o orgulho que trava o diálogo, o grito que fere quem mais amamos, o medo de estar repetindo os erros do próprio pai.

Lembra como tentamos resolver isso? Trabalhando mais. Compensando com presentes. Prometendo, para nós mesmos, fazer diferente amanhã.

Mas nada disso resolve. Isso são, todos eles, tentativas de purificar a carne — no máximo. E o texto é claro: isso nunca foi suficiente para aperfeiçoar a consciência.

Mas há um sangue que alcança onde nenhum esforço nosso chega. Que purifica não o comportamento, mas a consciência. Que não pede mais sacrifício, porque o sacrifício já foi feito, uma vez por todas. Foi feito por Jesus.

Está Feito

SE VOCÊ NUNCA VEIO A CRISTO — se essa consciência pesada pela culpa do pecado (qualquer pecado!) é sua, hoje, agora — saiba que não há nada que você precise fazer para merecer essa purificação. O sacrifício já foi feito, uma vez por todas. Só resta vir. Confiar. Entregar a Cristo o que você jamais conseguiria resolver sozinho.

E, PARA QUEM JÁ É DE CRISTO: lembre-se de que fomos todos feitos sacerdotes nele. Temos um culto a prestar, um serviço a realizar — não mais reservado a poucos escolhidos, atrás de um véu, mas aberto a cada um de nós, de consciência limpa. Isso significa adoração. Discipulado. Cuidado com o próximo. Serviço fiel, dentro e fora dos muros desta igreja.

E, AOS PAIS AQUI HOJE: vão para casa sabendo que vocês não precisam fingir ser pais perfeitos. Vocês precisam de uma consciência purificada — e essa vocês já têm (ou podem ter), em Cristo, se nele confiam (ou se nele confiarem). Vão amar suas famílias não a partir da culpa, mas a partir da graça — porque ele nos amou primeiro. Não porque finalmente acertaram tudo, mas porque Alguém, uma vez por todas, já resolveu o que vocês jamais poderiam resolver sozinhos: o problema do pecado.

Cristo pode te dar uma consciência em paz com Deus.

S.D.G. L.B.Peixoto.